

No cimo da cidade, sobre uma coluna alta, encontrava-se a estátua do Príncipe Feliz. Estava todo revestido de finas folhas de puro ouro, duas safiras brilhantes serviam-lhe de olhos, e um grande rubi vermelho resplandecia no punho da sua espada.

Era, na verdade, muito admirado por todos. “É tão bonito como um cata-vento,” observou um dos conselheiros da cidade que queria ganhar reputação com a sua sensibilidade artística; “ainda que não seja muito útil”,





acrescentou, com medo que os outros o achassem pouco prático, o que de facto ele não era.

“Porque não podes ser como o Príncipe Feliz?”, perguntou uma mãe sensata ao seu filhote que estava a chorar por causa da lua. “O Príncipe Feliz nem sonha em chorar, seja por aquilo que for.”

“Fico contente por haver alguém no mundo realmente feliz”, murmurou um homem, desapontado, enquanto contemplava a maravilhosa estátua.

“Parece mesmo um anjo”, comentaram as crianças da instituição de caridade enquanto saíam da catedral, vestidas com as suas capas escarlates e os seus imaculados bibes brancos.

“Como é que sabem?”, perguntou o Professor de Matemática. “Nunca viram nenhum anjo.”

“Vimos, pois! Nos nossos sonhos”, responderam as crianças; e o Professor de Matemática franziu o sobrolho e ficou com um ar muito severo, pois não gostava nada de crianças sonhadoras.

Certa noite, uma pequena Andorinha sobrevoou a cidade. As suas amigas tinham voado para o Egito seis semanas antes, mas ela tinha ficado

para trás, pois tinha-se apaixonado pelo mais bonito dos juncos. Tinha-o conhecido no começo da primavera, enquanto voava ao longo do rio, perseguindo uma grande mariposa amarela, e sentira-se tão atraída pela sua cintura esbelta que parara para falar com ele.

“Posso amar-te?”, perguntou a Andorinha, que preferia ir logo direta ao assunto, e o Junco fez-lhe uma longa vénia. Então ela voou em seu redor e rasou a água com as asas, provocando uma série de pequenas ondas prateadas. Era este o seu modo de lhe fazer a corte, e assim foi o verão inteiro.

“Que par tão ridículo”, chilrearam as outras andorinhas. “Ele não tem dinheiro e para além disso conhece demasiada gente”; e de facto, o rio estava cheio de juncos. Então, quando o outono chegou, as andorinhas foram-se todas embora.

Quando partiram, a Andorinha sentiu-se sozinha e começou a cansar-se do

